

Contextos funerários da Antiguidade Tardia do concelho de Serpa: Loja 5 e Montinhos 6

Andreia Arezes^{*}, Rui Pinheiro^{**}, Zélia Rodrigues^{**}, Lídia Baptista^{***} e Sérgio Gomes^{****}

Resumo:

Os trabalhos arqueológicos efetuados em Loja 5 e Montinhos 6 (Serpa, sul de Portugal) permitiram a identificação de contextos que contribuem para a caracterização das práticas funerárias da Antiguidade Tardia no concelho de Serpa. Neste artigo, apresentaremos tais contextos, ensaiando a sua articulação com o enquadramento histórico em que se inserem.

Abstract:

This paper focus on burial contexts identified at Loja 5 and Montinhos 6 (Serpa, South of Portugal). By presenting such contexts we aim to contribute to the characterization of funerary practices during the Late Antiquity at Serpa.

^{*} Bolseira de Doutoramento da FCT, CEAUCP – CAM

^{**} Arqueologia & Património Lda.

^{***} Arqueologia & Património Lda., FLUP – CEAUCP – CAM

^{****} Arqueologia & Património Lda. – CEAUCP – CAM



INTRODUÇÃO

As intervenções em Loja 5 e Montinhos 6 permitiram a identificação de contextos de enterramento articuláveis com a Antiguidade Tardia. Deste modo, constituem dois casos de interesse para o conhecimento das práticas funerárias deste período no sul de Portugal. Como veremos, a correlação dos contextos de Loja 5 (Baptista *et al.* 2012; Rodrigues 2012) e Montinhos 6 (Baptista e Gomes 2011; Rodrigues 2011) com a Antiguidade Tardia foi considerada a partir da ocorrência de um conjunto de três brincos anelares, cujas características estilísticas remetem cronologicamente para os séculos VI e VII (Arezes 2011). Estes dois séculos caracterizam-se pela movimentação de povos germânicos, cuja presença na Península Ibérica viria a contribuir para uma reestruturação político-administrativa do território (Mattoso 1993; Fabião 1993). Apesar de tais transformações, os vestígios materiais deste período revelam a persistência de comportamentos com raízes no mundo romano (Mattoso 1993; Fabião 1993; Lopes e Carvalho 1997). Os contextos funerários em análise remetem para esta dinâmica de continuidades e discontinuidades. Com efeito, em termos construtivos, por exemplo, podemos falar de uma persistência nas tipologias de construção de estruturas funerárias. No entanto, há mudanças a registar ao nível das práticas, como é exemplo o reforço da inumação de indivíduos vestidos, ostentando adereços correlacionados com a aplicação sobre a indumentária, a par de adornos corporais, assim enformando composições que se afirmam como indícios de enterramentos “germânicos” (Barroca 1987: 73-74; Ripoll e Carrero 2009: 264-266).

O estudo realizado encontra-se sistematizado em três pontos: começaremos pela apresentação dos contextos funerários da Antiguidade Tardia identificados em Loja 5 e Montinhos 6; de seguida, passaremos à caracterização e enquadra-

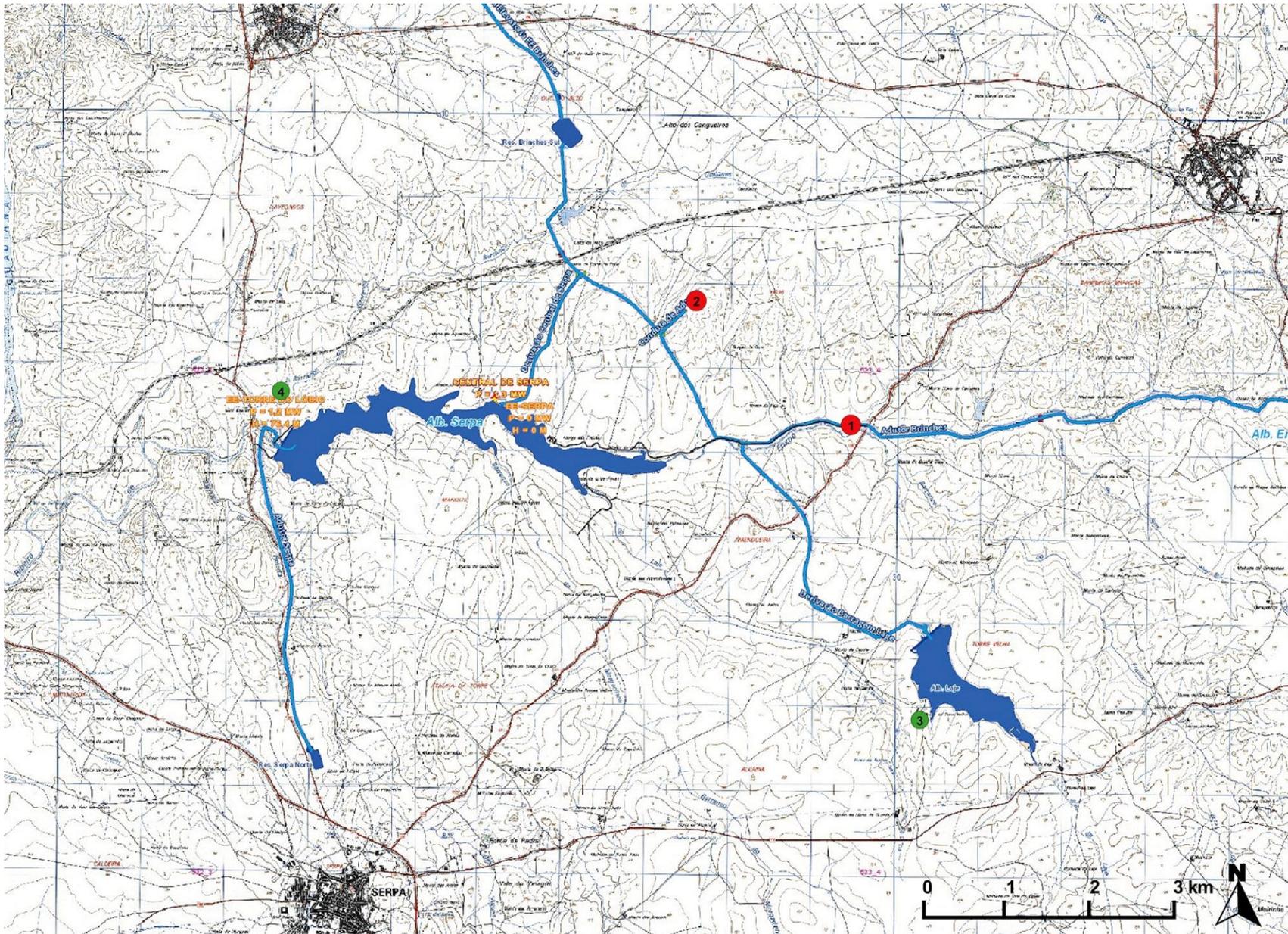


Fig. 1.— Localização das estações com contextos da Antiguidade Tardia do concelho de Serpa, referidas no texto. 1. Loja 5; 2. Montinhos 6; 3. Torre Velha 3; 4. Monte da Salsa

mento dos brincos anelares que permitiram a associação dos contextos aos séculos VI e VII; e, por último, procedemos a uma breve inserção destas estações no quadro do conhecimento da Antiguidade Tardia no concelho de Serpa.

1. CONTEXTOS FUNERÁRIOS DA ANTIGUIDADE TARDIA DE LOJA 5 E MONTINHOS 6

As intervenções em Loja 5 e Montinhos 6 (Fig. 1) foram realizadas no âmbito dos Trabalhos de Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé – Fase de Obra. Estes trabalhos foram promovidos pela *EDIA S.A.*, tendo como objetivo a identificação e salvaguarda de elementos patrimoniais na área de incidência do referido projeto. As escavações arqueológicas foram realizadas por equipas da *Arqueologia & Património Lda.* e da *Histórias & Tempus Lda.*, coordenadas por Lídia Baptista. Tais trabalhos permitiram a intervenção em 38 estações de diferentes cronologias, contribuindo, assim, para a caracterização de diferentes períodos da ocupação humana na região de Serpa (Baptista e Gomes 2012).

No âmbito destes trabalhos, é de salientar a intervenção num conjunto de estações do período romano (Tabela 1) que, embora não diretamente relacionado com o período que nos encontramos a analisar, contribuem para a caracterização da rede de *villae*, casais e pequenos sítios que estruturaram a paisagem rural romana de Serpa. Com efeito, é nesta rede de sítios, que permaneceria enquanto elemento estruturador deste território durante a Antiguidade Tardia (Alarcão 1988; Fabião 1993; Lopes e Carvalho 1997), que devemos tentar compreender os contextos funerários de Loja 5 e Montinhos 6. Mais à frente, voltaremos a esta dinâmica de reapropriação da rede de organização do território romana, no sentido de enquadrar os contextos funerários de Loja 5 e Montinhos 6 no âmbito de outras estações articuláveis com a Antiguidade Tardia do concelho de Serpa.



Fig. 2.— Loja 5, planta das sepulturas

Sítio	Tipologia de sítio	Cronologia dos diferentes contextos identificados no sítios
Cidade das Rosas	<i>villa</i>	Tardo-Romano
Corte do Poço 5	necrópole	Romano
Escalfa Cães 1	<i>villa</i>	Tardo-Romano/Moderno-Contemporâneo/Pré-história Recente indeterminado
Espicharrabo 4	casal/pequeno sítio	Tardo-Romano/Islâmico/Moderno-Contemporâneo/Pré-história Recente indeterminado
Judeu	casal/pequeno sítio	Tardo-Romano/Moderno-Contemporâneo
Meirinho 4	<i>villa</i>	Neolítico Final-Calcolítico/Idade do Bronze/Tardo-Romano/Pré-história Recente indeterminado
Monte Alto	<i>villa</i>	Tardo-Romano
Torre Velha 13	necrópole	Romano
Espicharrabo 3	necrópole	Romano/Islâmico

Tabela 1.— Conjunto de sítios de cronologia romana intervencionados no âmbito dos Trabalhos de Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé (Baptista e Gomes 2012)

1.1. Loja 5

Loja 5 (São Salvador, Serpa) localiza-se na margem norte da Ribeira de Enxoé, estando implantado no sopé de uma pequena colina, junto à referida linha de água. Os trabalhos arqueológicos realizados contemplaram a realização de seis sondagens manuais: as Sondagens nº 1 a nº 4 foram realizadas no sentido de averiguar a natureza de “manchas” identificadas ao nível do topo do substrato geológico, tendo-se verificado que se tratavam de perturbações provavelmente

associadas à práticas agrícola; nas Sondagens nº 6 e nº 7 foi identificado um conjunto de quatro sepulturas, três na Sondagem nº 6 e uma na Sondagem nº 7 (Baptista *et al.* 2012; Rodrigues 2012).

A análise da distribuição espacial e das características arquitetónicas das estruturas permite reconhecer a existência de um núcleo sepulcral homogéneo, com pequenas diferenças construtivas (variando no tipo de revestimento e cobertura e nas dimensões das estruturas – Fig. 2). O conjunto das quatro sepulturas pertence, globalmente, a um grupo arquitetónico definido pela existência de uma cista, por vezes, revestida lateralmente por telhas e pedras e coberta por telhas e/ou lajes/blocos de pedra (Figs. 3 e 4); este tipo de arquitetura tem as suas raízes no mundo romano (González 2001). Quanto às inumações (Fig. 5), na Sepultura 1 foi identificada a inumação de um indivíduo do sexo feminino de idade adulta; na Sepultura 2 não foi identificado qualquer elemento relativo a uma inumação primária; porém, numa área em que parece ter havido uma reestruturação da parede da sepultura, foi identificado um ossário relativo a um indivíduo adulto, no qual se encontrava um dos brinco anelares que nos permitem associar este espaço de necrópole à Antiguidade Tardia; na Sepultura 3 não foi identificado qualquer nível de inumação; e, na Sepultura 4, foi identificado um nível de inumação composto por um adulto do sexo feminino e um sub-adulto, que se encontrava “abraçado” pelo adulto e depositado sobre o seu peito. Todos os indivíduos foram inumados em decúbito dorsal, com orientação Oeste (crânio) – Este (pés) e sem qualquer oferenda funerária.

1.2. Montinhos 6

A estação Montinhos 6 (Brinches, Serpa) foi identificada durante os trabalhos de construção do Reservatório de Montinhos. A ampla extensão da área que implicava a construção desta infra-estrutura proporcionou a oportunidade de



Fig. 3.— Loja 5, Sepultura 1: nível da tampa



Fig. 4.— Loja 5, Sepulturas 2, 3 e 4: nível da tampa



Fig. 5.— Loja 5, Sepulturas 1, 2 e 4: nível de inumação

decapagem de duas pequenas colinas situadas na margem norte da Ribeira de Enxoé. Tais trabalhos permitiram a identificação de um sítio de estruturas em negativo que, na maioria dos casos, correspondem a contextos da Pré-história Recente (nomeadamente, da Idade do Bronze), nos quais é de salientar uma concentração de estruturas de planta em osso, 14 hipogeus e mais de uma centena de estruturas tipo “fossa”. No âmbito da cronologia que nos encontramos a discutir, foram identificadas cinco estruturas em negativo tipo “fossa” e uma sepultura (Fig. 6). No que diz respeito à expressão espacial da ocupação articulável com a Antiguidade Tardia, é de salientar que as estruturas parecem tratar-se de elementos dispersos pelas duas colinas, não se tendo registado qualquer “tendência” nessa distribuição (Baptista e Gomes 2011: 32-34).

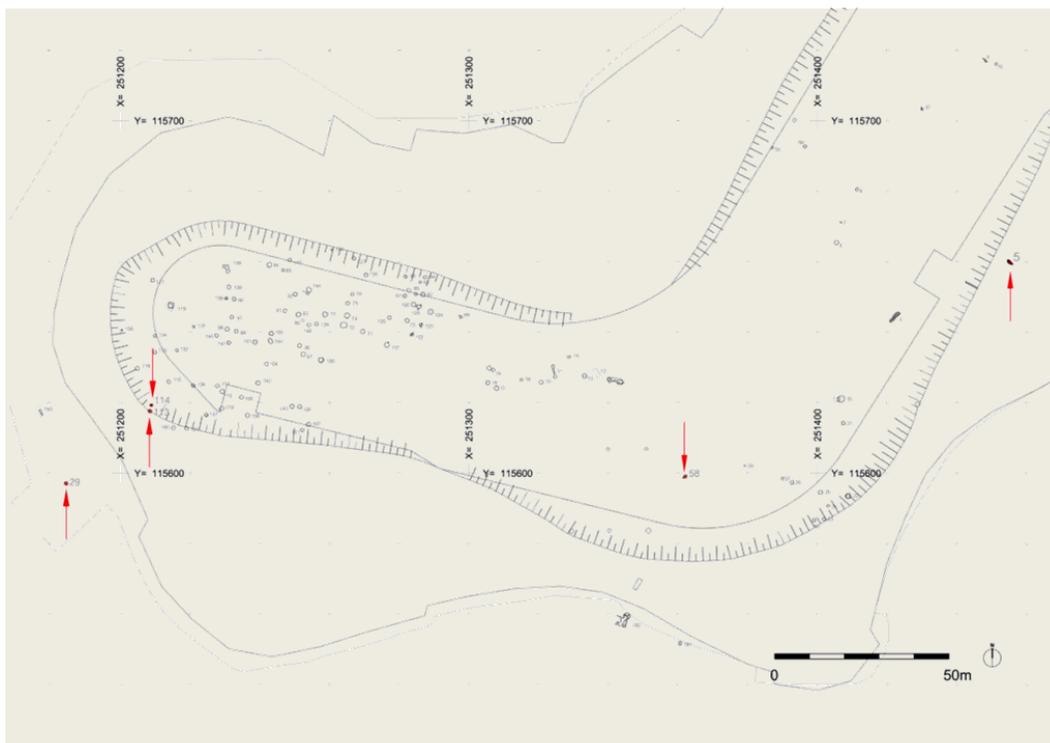


Fig. 6.— Planta de Montinhos 6 (a vermelho estão assinalados os contextos articuláveis com a Antiguidade Tardia)

A sepultura trata-se de uma cista coberta por lajes e *tegulae*, na qual foi identificada a inumação primária de um indivíduo adulto do sexo feminino, sobre a qual se identificou um ossário relativo a um indivíduo adulto (UE 503) (Figs. 7 e 8). Durante a exumação das peças ósseas pertencentes ao indivíduo em inumação primária, foram detetados, na região dos seus pés, um conjunto de ossos (UE 506) também de pés que remetem para uma inumação primária anterior (sendo este conjunto de ossos compatível com o representado no ossário). A inumação do indivíduo [504] foi efetuada em posição de decúbito dorsal, obedecendo à orientação noroeste (crânio) – sudeste (pés), com o crânio sobre a base a descrever uma ligeira inclinação para o lado esquerdo. O membro superior direito apresentava-se semi-fletido sobre a região da bacia com a mão a repousar sobre o sacro e o ílaco esquerdo e o membro superior esquerdo estendido e paralelo ao corpo (com o rádio a sobrepor-se ao cúbito e a mão sobre a extremidade proximal do fémur esquerdo). Os membros inferiores estavam estendidos e paralelos entre si. Junto aos ossos cranianos temporais foram recuperados dois brincos anelares (Fig. 9) (Baptista e Gomes 2011; Rodrigues 2011: 10-13).

2. FILIAÇÃO ESTILÍSTICA DOS BRINCOS ANELARES IDENTIFICADOS NOS CONTEXTOS FUNERÁRIOS DE LOJA 5 E MONTINHOS 6

Os brincos anelares de Loja 5 e Montinhos 6 (Figs. 10 e 11) correspondem a um tipo de adereço metálico, que, à semelhança de outros adornos do corpo ou do vestuário, possui as suas raízes na “tradição” romana, expandiu-se particularmente em época tardia e, designadamente, no século VI, permanecendo em uso pelo menos ao longo da centúria subsequente (Arezes 2001: 125-126). Afigura-se complexo procurar definir cronologias muito finas para estes brincos de liga de cobre, exceção feita a situações em que os materiais a eles associados em

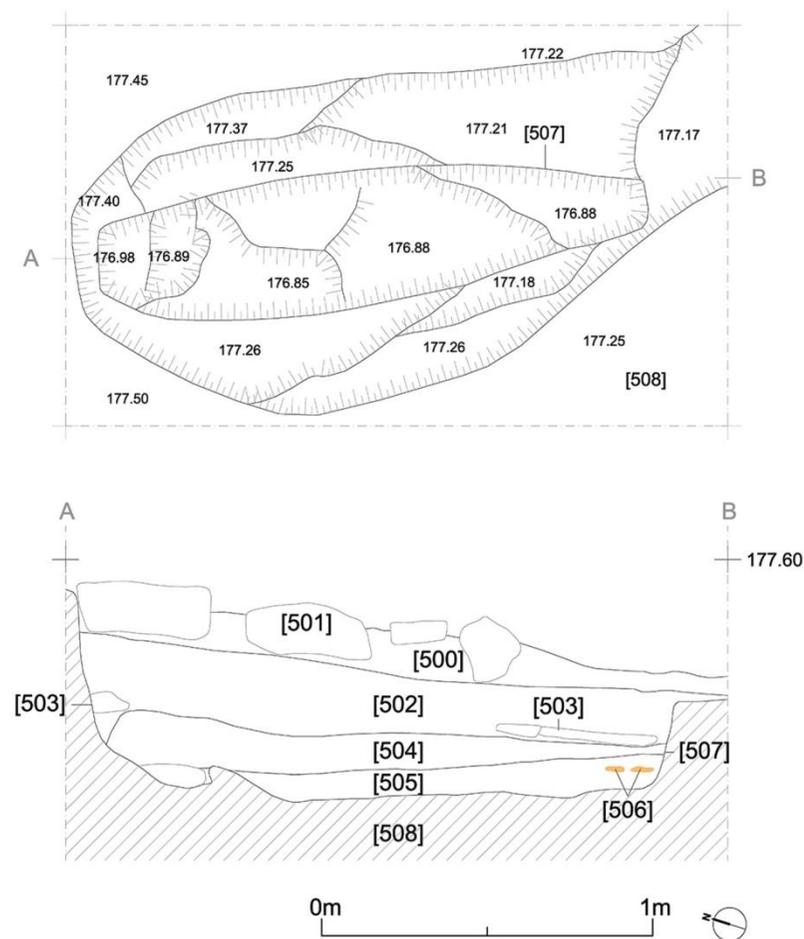


Fig. 7. — Montinhos 6, planta e perfil da sepultura

sepulturas (o contexto de achado por excelência) se pautem por um intervalo de produção e circulação mais limitado. Em paralelo, casos documentados, em que se procedeu à análise dos restos osteológicos dos indivíduos inumados juntamente com estes elementos de adorno metálicos ou em que se estudaram as correlações entre brincos e demais materiais depositados, têm permitido atribuir-lhes, por vezes de modo indireto (Morillo 1989: 241-242), uma utilização por parte do sexo feminino.

É possível identificar paralelos entre exemplares oriundos de locais díspares. Aliás, uma breve abordagem à cartografia de achados publicados para a geografia peninsular permite perceber a ocorrência destes materiais um pouco por todo o território, nomeadamente em espaços cemiteriais com enteramentos classificados como “visigóticos”, localizados na Meseta Castelhana, caso de Tinto Juan de La Cruz (Barroso *et al.* 2006: 547, fig. 9, nº 587) e Cacera de las Ranas (Balmaseda 2006: 759, fig. 13), em Madrid ou El Carpio de Tajo (Ripoll 1985: 146-147, fig. 54, nº 1), em Toledo. Em Portugal conhecem-se brincos idênticos aos recolhidos em Loja 5 e Montinhos 6, com origem em necrópoles fundamentalmente localizadas na região centro e sul do país, entre as quais a da Abuxarda (Arezes 2011: 331-332; 339-340) e a de Talaíde (Cardoso e Cardoso 1995: 410; Cardoso *et al.* 1995: 322 e 333; Arezes 2011: 363-364), em Cascais, a de Silveirona II (Cunha 2008: 177, nº 147; 213, fig. 111; 222, fig. 163), em Estremoz ou a do Rossio do Carmo (Torres e Macias 1993: 76-78), em Mértola. Todas possuem ocupação documentada para os séculos VI e VII, exceto Silveirona II, que poderá eventualmente ter sido abandonada por volta de meados da primeira das centúrias referidas (Cunha 2008, 101). Estes brincos anelares não revelam uma variabilidade morfológica particularmente significativa. O aro é normalmente aberto e liso, com um extremo apontado; já na extremidade oposta pode figurar um remate de configuração geométrica e geralmente decorado, ou, em alternativa, molduras sequenciais, produto, não raro, da conjugação entre molde e incisão.

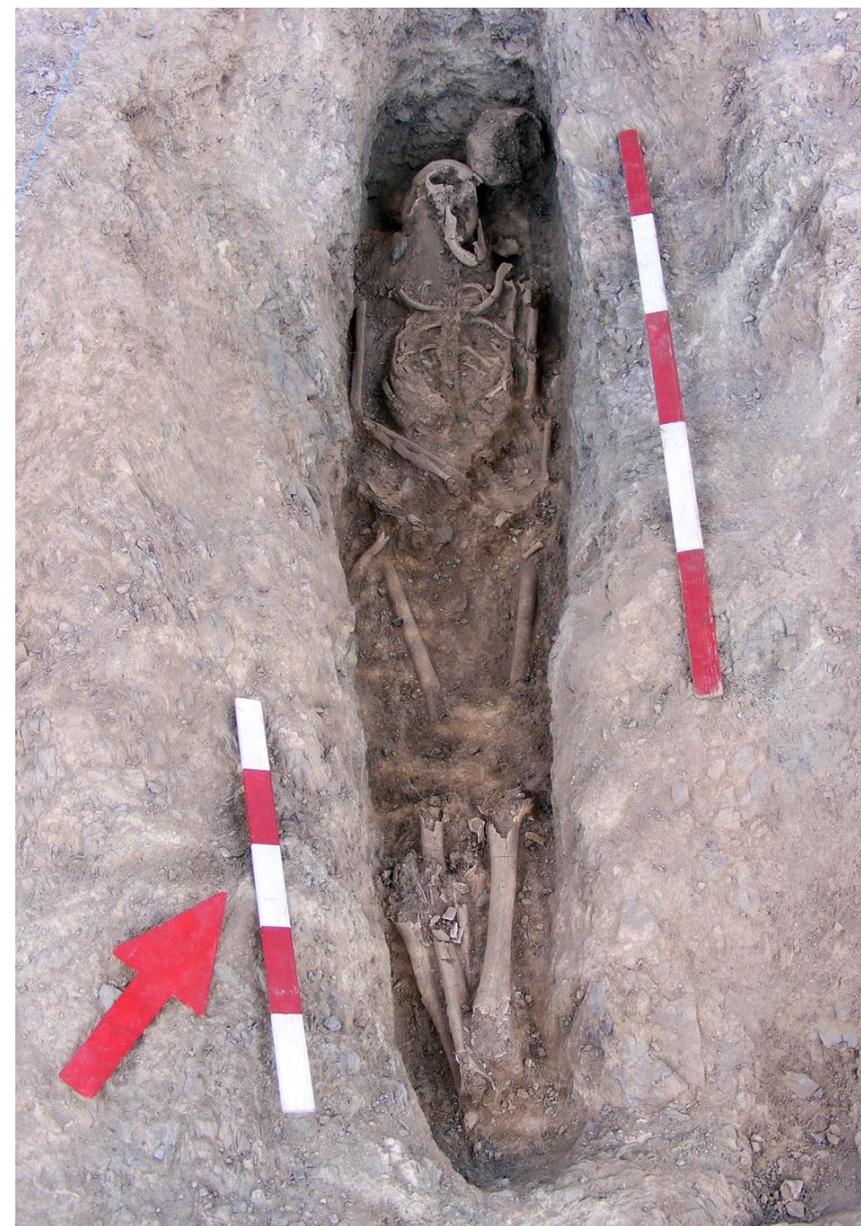


Fig. 8.— Montinhos 6, nível de inumação

Considerando os paralelos enunciados no parágrafo anterior, os brincos exumados nos sítios Loja 5 e Montinhos 6 enquadram-se perfeitamente na tipologia indicada e, concretamente, nos parâmetros que definem o segundo grupo. Com efeito e salvaguardando as diferenças manifestadas, a título de exemplo, ao nível do estado de conservação em que se encontram (melhor no caso do par de Montinhos 6, composto por dois objetos que se apresentam completos, enquanto o exemplar recolhido em Loja 5 ostenta uma fratura no aro e, além do mais, concreções ao longo da superfície), são evidentes as particularidades que os aproximam. Em cada um deles, o aro denota tendência circular, mais ou menos regular e redução da espessura com a aproximação ao extremo apontado. Por outro lado, os remates são moldurados, nomeadamente no caso de um dos exemplares de Montinhos 6 e no da Loja 5, enquanto o segundo brinco de Montinhos 6 apresenta um apêndice de volume menos avultado e com menor “investimento” decorativo. Em suma, os objetos em análise revelam um considerável grau de unidade, em termos tipológicos e ao nível da cronologia em que podem ser enquadrados.



Fig. 9. — Pormenor do contexto de ocorrência do brinco anelar

3. NOTA FINAL ACERCA DA INTEGRAÇÃO REGIONAL DOS CONTEXTOS FUNERÁRIOS DE LOJA 5 E MONTINHOS 6

As intervenções em Loja 5 e Montinhos 6 permitiram a identificação de contextos funerários onde ocorreram três brincos anelares, cuja filiação estilística permite a sua inserção cronológica nos séculos VI e VII. A ocorrência destes elementos contribuiu para a associação das práticas funerárias em questão às unidades políticas e culturais de influência germânica que teriam atuado na Península durante a Antiguidade Tardia. Este período cronológico caracteriza-se por uma dissociação entre o poder político-administrativo e o poder militar (que traria como consequência a queda da formação imperial romana) e, em simultâneo, a emergência de elementos que ditariam algumas

das características dos reinos da Idade Média, onde estes poderes se encontram novamente em articulação (Mattoso 1993: 302). As convulsões políticas da Antiguidade Tardia, de que a Península Ibérica foi palco desde o século V, foram animadas por um complexo jogo de forças militares onde se lançaram as condições para o estabelecimento da influência de povos germânicos no ocidente peninsular. Este estabelecimento, criando uma rutura com a Antiguidade Clássica em termos políticos, faz-se pela incorporação dos seus modelos culturais, privilegiando linhas de continuidade com a Hispânia do Baixo Império (Fabião 1993; 2009). Com efeito, quando observamos as características arquitetónicas das estruturas funerárias de Loja 5 e Montinhos 6, denota-se a opção por modelos que remontam à tradição romana de inumação em cista, com revestimento e cobertura (González 2001).

No concelho de Serpa, a Antiguidade Tardia materializa-se numa continuada ocupação da rede de villae, casais e pequenos sítios, definida entre a segunda metade do século II e o século III (Lopes e Carvalho 1997). Uma continuada ocupação que o caso de Loja 5 vem demonstrar, tendo em conta a sua localização na área da villa de Loja 1 (*Ibidem*). A este propósito, deve referir-se que intervenções recentes também na área desta villa permitiram a identificação de uma necrópole do Baixo Império (Cravo 2009), sendo que, em termos arquitetónicos, existe uma grande semelhança entre as estruturas dos dois espaços sepulcrais. A confluência entre espaços sepulcrais da Antiguidade Tardia e as villae está registada também em Torre Velha 3 (Alves *et al.* 2009) e Monte da Salsa (Larrazabal e Ribeiro 2009), onde a distribuição estratigráfica de conjuntos artefactuais, que remetem para os séculos V e VI, permite a articulação de contextos funerários, sem espólio, com a cronologia em questão. Neste cenário, Montinhos 6 apresenta-se enquanto exceção, isto é, a sepultura ocorre numa paisagem onde, aparentemente, não há nenhuma villa a que possa ser associada e numa área onde ocorrem apenas cinco “fossas”, cujo enchimento apresenta uma componente artefactual coeva da sugerida pelo brinco anelar.



Fig. 10.— Loja 5, brinco anelar



Fig. 11. — Montinhos 6, par de brincos anelares

Deste modo, estas duas estações parecem revelar modos distintos de apropriação do território do atual concelho de Serpa por parte das comunidades que, de modo direto ou indireto, estariam sob influência germânica. Uma apropriação que, pautada por mudanças políticas e culturais, foi refazendo pontualmente uma consolidada organização do território.

Agradecimentos: a todos os participantes nos trabalhos arqueológicos desenvolvidos nas estações de Loja 5 e Montinhos 6, a José Grilo (fotografia de espólio) e a Rodry Mendonça (SIG).

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. (1988): *O domínio Romano em Portugal*. Lisboa.

AREZES, A.C.M. (2011): *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séculos V a VIII)*. Serie Trivium 41. Noia.

ALVES, C., COSTEIRA, C., PORFÍRIO, E., SERRA, M. e ESTRELA, S. (2009): *Intervenção em Torre Velha 3. Relatório Final -2ª Fase- Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.

BALMASEDA, L.J. (2006): “La orfebrería de época visigoda en la Comunidad de Madrid”. *La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid. Zona arqueológica* 8 (3). Madrid: 753-765.

BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2011): *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Montinhos 6*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.

BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2012): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé – Fase de Obra. Relatório Final Global*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.

BAPTISTA, L., PINHEIRO, R. e GOMES, S. (2012): *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Loja 5*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.

BARROCA, M.J. (1987): *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Século V a XV)*, (Trabalho de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica Inédito. Universidade do Porto) Porto.

BARROSO, R., MORÍN DE PABLOS, J., PENEDO, E., OÑATE, P. e SANGUINO, J. (2006): “La necropolis visigoda de Tinto Juan de la Cruz (Pinto, Madrid)”. *La Investigación Arqueológica de la Época Visigoda en la Comunidad de Madrid. Zona arqueológica* 8 (3). Madrid: 537-564.

CARDOSO, J.L. e CARDOSO, G. (1995): “A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Estudo preliminar”. *IV Reunió d’ Arqueologia Cristiana Hispánica*. Barcelona 407-414.

- CARDOSO, J.L., CARDOSO, G. e GUERRA, M.F. (1995): “A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Caracterização e integração cultural. Análises não destrutivas do espólio metálico”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 5: 315-339.
- CRAVO, S. (2009): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrente da implementação do Troço 2 do Trabalhos Arqueológicos na Necrópole Romana da Loja 1 (Serpa, Beja). Relatório Final*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- CUNHA, M.W.E. da (2008): *As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz). Do mundo funerário à Antiguidade Tardia. O Arqueólogo Português Suplemento 4*. Lisboa.
- FABIÃO, C. (1993): “O Passado Proto-Histórico e Romano”. In J. Mattoso (dir.): *História de Portugal, vol. I (Antes de Portugal)*. Lisboa: 79-299.
- FABIÃO, C. (2009): “O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o Pentanummium de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 4: 25-50.
- GONZÁLEZ, R. (2001): *El Mundo Funerario romano en el País Valenciano. Monumentos Funerarios y sepulturas entre los siglos I a. de C. - VII d. de C.* Madrid.
- LARRAZÁBAL, J. e RIBEIRO, S. (2009): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches (Bloco A) Monte da Salsa – 2ª Fase (Alargamentos e desmonte de estruturas). Relatório Final*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- LOPES, C., e CARVALHO, P.C. (1997): “O Período Romano: a mutação da paisagem” In M.C. Lopes, P.C. Carvalho e S.M. Gomes: *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: 135-148.
- MATTOSO, J. (1993): “A Época Sueva e Visigótica”, In J. Mattoso (dir.): *História de Portugal, vol. I (Antes de Portugal)*. Lisboa: 301-357.
- MORILLO, A. (1989): “Nueva aproximacion a los ajuares metalicos de la necropolis visigoda de Herrera de Pisuerga (Palencia)”. *I Curso de Cultura Medieval*. Palencia: 233-251.
- RIPOLL, G. (1985): *La Necropolis Visigoda de el Carpio de Tajo (Toledo)*. Excavaciones Arqueológicas en España 142. Madrid.
- RIPOLL, G. e CARRERO, E. (2009): “Art wisigoth en Hispania: en quête d’une révision nécessaire”. *Perspective* 2: 256-276.

RODRIGUES, Z. (2011): *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Montinhos 6 – Relatório de Antropologia*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.

RODRIGUES, Z. (2012): *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Loja 5 – Relatório de Antropologia*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.

TORRES, C. e MACIAS, S. (1993): *Museu de Mértola - Basílica Paleocristã*. Mértola.